

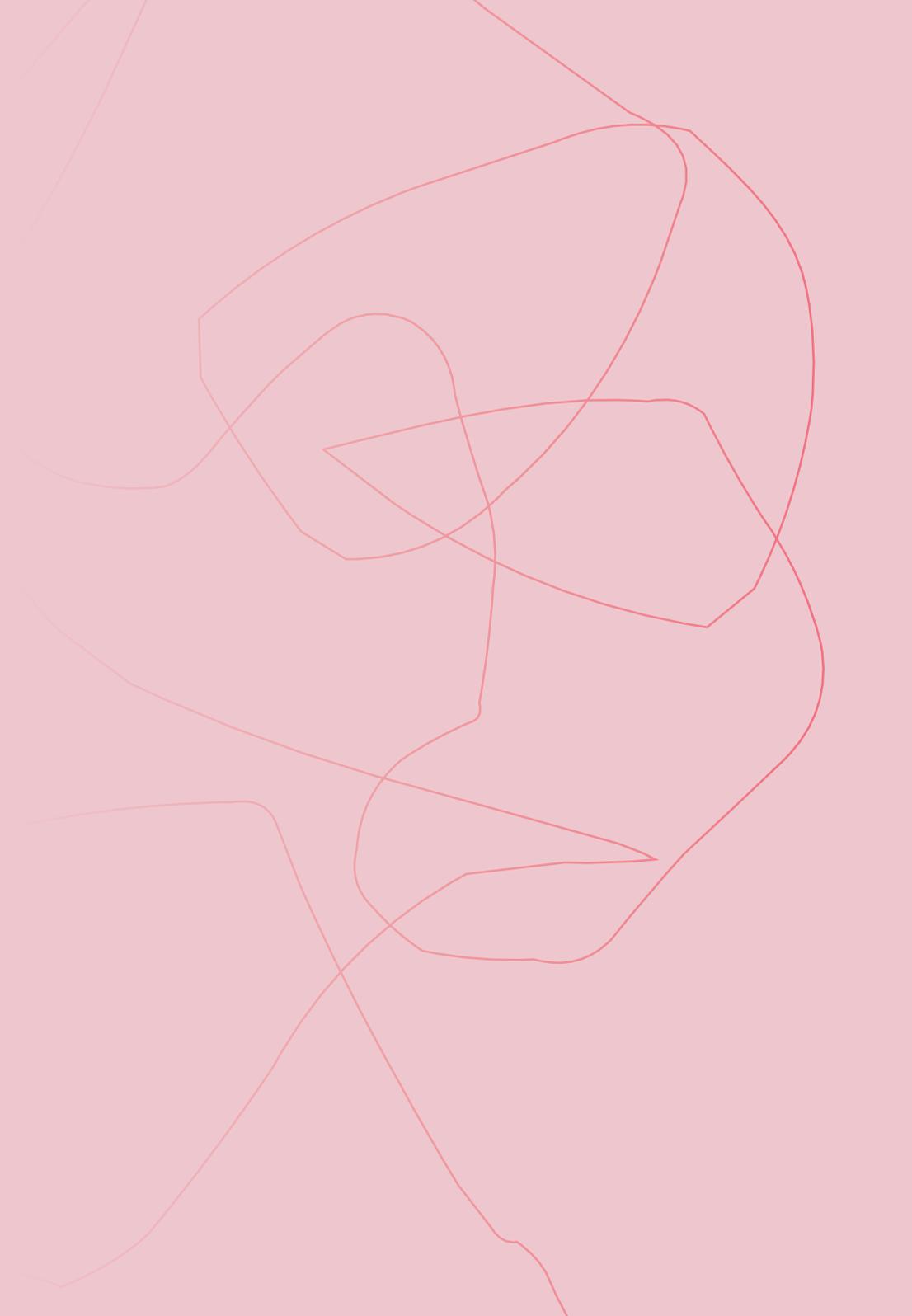
L

B

T

G

**Encontro de Poesia LGBT
Eslovena e Portuguesa**

The left side of the image features a light red background with several overlapping, hand-drawn red lines that form abstract, organic shapes, possibly resembling a map or a stylized figure. The lines are thin and vary in opacity, creating a layered effect.

Encontro de Poesia LGBT Eslovena e Portuguesa

**Nina Dragičević, Aljaž Koprivnikar,
Tiago Lila, Ricardo Marques,
Brane Mozetič, Rita Natálio, Milan Šelj,
André Tecedero, Nataša Velikonja**

Literatura LGBT eslovena

Para uma introdução ao modo de conhecer aspectos específicos da literatura LGBT eslovena contemporânea ou literatura com motivos, temas, sensibilidades LGBT, etc., podemos apenas referir *grosso modo* as ocorrências do que atualmente designamos pela sigla LGBT na história, na arte e, especialmente, na literatura. Dado que as três foram feitas à medida por homens heteronormativos durante séculos, não é de admirar que as nossas descobertas tenham sido bastante modestas. A atitude negativa em relação ao amor entre pessoas do mesmo sexo ditou o seu imediato apagamento, a sua destruição e a sua não-nomeação. Falou-se de pecado sem nome, pecado mutante, pecado anónimo, assim como de um crime contra Deus e a natureza. Os únicos registos históricos que sobrevivem são os dos tribunais e os dos corredores das esquadras de polícia. Expressões de amor por pessoas do mesmo sexo, por exemplo em memórias, cartas, diários, ou não existiam, ou foram destruídas pelos herdeiros dos seus autores, obviamente devido ao medo de serem descobertas, até à segunda metade do século XX. O registo mais antigo conhecido até agora é o de um julgamento por sodomia em 1749: dois agricultores da Estíria foram levados a tribunal porque, em estado de embriaguez, se entregaram repetidamente à “impureza”. Um relato detalhado do julgamento, com os depoimentos de testemunhas e réus, termina com uma sentença de morte. Não há provas da execução, mas, tendo em conta os hábitos da época, podemos concluir que os condenados foram decapitados publicamente e depois queimados na fogueira. Este processo não foi certamente o único deste tipo em solo esloveno. Ao

longo das décadas, as sentenças foram sendo reduzidas, de modo que, no caso de dois homens “impuros contra a natureza” em Ljubljana, em 1910, podemos ler na sentença que o parceiro ativo foi condenado a 13 meses de prisão. No período entre as duas guerras mundiais, surgiram muitas iniciativas na Europa para descriminalizar a homossexualidade. Por isso, podemos encontrar artigos a favor e contra a homossexualidade num jornal esloveno, tendo mesmo sido publicados dois livros independentes sobre o assunto que, também aos poucos, começou a estar presente na literatura. Durante a construção do socialismo, após a Segunda Guerra Mundial, a homossexualidade foi frequentemente utilizada para fins políticos, por exemplo contra o clero ou contra opositores ao regime. Um exemplo conhecido foi o julgamento político fraudulento em 1948 dos escritores Jože Javoršek e Vitomil Zupan, ex-partizans proeminentes, que também foram acusados de “acto de homossexualidade”. O regime socialista da Jugoslávia não tinha uma opinião única sobre a homossexualidade. Datam de 1949 as primeiras tentativas de descriminalização, que infelizmente só se concretizou para os relacionamentos lésbicos em 1951. A homossexualidade masculina foi descriminalizada na Eslovénia em 1977, mas a lei raramente tinha sido aplicada na prática. Algumas personalidades prestigiadas foram facilmente toleradas pelo regime, outras foram até atraídas pela Eslovénia, como o realizador checo František Čap, convidado a ensinar cineastas eslovenos. Realizou *Vesna*, o filme esloveno de maior sucesso, e, com a sua abertura, influenciou dois outros realizadores importantes: Vojko Duletič e Boštjan Hladnik. No entanto, será difícil encontrar muitos aspetos LGBT na história do cinema esloveno e ainda menos na pintura e na escultura. Na área da literatura, os elementos LGBT surgem rara e marginalmente. Vale a pena citar a cena lésbica do romance *A Casa de Marija Pomočnica* (1904) de Ivan Cankar, o melhor prosador esloveno. Um verdadeiro escândalo foi causado pela encenação da peça *Obločnica, se rojeva*, de Ivan Mrak em 1925. As componentes homoeróticas emocionaram tanto o público que houve brigas durante o espetáculo e a polícia teve que intervir. Mrak também introduziu mais tarde o

desejo homoerótico nos seus dramas, especialmente em *Escapar do Inferno*, um drama sobre Rimbaud e Verlaine. Visões mais liberais entre as duas guerras mundiais permitiram, sem dúvida, a publicação em 1938 do romance *Meninos* escrito por France Novšak quando tinha apenas 20 anos. A história de amor de dois meninos num internato católico gerou algumas reações positivas, mas depois da guerra foi esquecida – até que o ativismo LGBT recuperou o romance, considerando-o como o primeiro romance gay esloveno. No entanto, só no final dos anos 1980 é que surgiu uma literatura gay mais explícita. O mesmo aconteceu com a literatura lésbica, da qual quase não há sinais antes dos anos 90. Numa literatura dominada por homens, não havia muito espaço para autores do sexo feminino. Vale a pena mencionar pelo menos o advogado Ljuba Prenner, autor do primeiro romance policial esloveno, que diz a si mesmo que “não é nem mulher nem homem”. A década de 1980 trouxe muitos novos movimentos sociais, incluindo o ativismo gay e lésbico. Em 1984, foi organizado em Ljubljana o primeiro festival *Magnus*, um festival para a socialização da homossexualidade, o primeiro evento deste tipo não apenas na Jugoslávia mas em todo o Leste Europeu. Nos anos seguintes, inúmeras exposições, exibições de filmes, mesas redondas, bem como o surgimento de bares noturnos estimularam certamente uma expressão mais ousada da identidade LGBT e da sua vida na literatura. Eu próprio editei uma antologia de poesia do século XX em 1989 com temática homoerótica que foi extremamente bem recebida naquela época liberal e também se esgotou imediatamente. Como ativista gay, fundei uma coleção especial de livros LGBT, *Lambda*, na Associação Škuc, um ano depois. Até hoje, já foram publicados quase 150 títulos, principalmente de literatura, mas também de humanidades. No primeiro livro, *Luz Azul*, com trechos de amor homoerótico da literatura eslovena, declarava-se que a coleção incentivaria os autores nacionais a escrever de forma mais explícita. Por isso, foram já incluídos no livro autores jovens, alguns dos quais se tornaram nomes-chave da literatura LGBT moderna. Quatro anos depois, Nataša Velikonja, considerada a primeira poeta lésbica a ser revelada, publicou o seu primeiro

livro de poemas, *Abonma*. Mais tarde, foi seguida por outros poetas, como Kristina Hočevár e Nina Dragičević, ou a mais jovem Vesna Liponik. Na prosa, o lugar de maior destaque foi obtido por Suzana Tratnik, ativista lésbica de longa data, que em 1997 publicou o seu primeiro livro de contos, *Abaixo de zero*. Tratnik também é autor do romance *Meu nome é Damjan*, de 2001, que trata da temática transexual. O seu exemplo foi seguido pelas autoras Vesna Lemaic, Nataša Sukič e Jedrt Lapuh Maležič, que, juntamente com as poetas, construíram uma literatura lésbica muito forte e amplamente reconhecida e premiada. A coleção de livros lésbicos *Vizibilija*, que foi fundada pela Škuc em 1998, também contribuiu para isso (acrescente-se que dois livros infantis de imagens originais com temas LGBT foram recentemente publicados na *Lambda*). Durante esse período, a escrita gay desenvolveu-se muito menos, o que talvez possa ser atribuído ao predomínio masculino nos governantes que tutelam a área da literatura, ou à sua maior explicitação sexual. Assim, pode ser sintomático que viva fora da Eslovénia a maior parte dos escritores gays, entre os quais Boris Pintar, Milan Šelj e Uroš Prah, e até o mais jovem, Aljaž Koprivnikar. Outros dois, Gašper Malej e eu próprio, viajamos muito ou temos contatos ativos no exterior. A integração no resto do mundo é também uma das principais atividades da coleção *Lambda* porque escrever literatura LGBT num idioma tão pouco falado é estar condenado a ser lido por um público relativamente pequeno.

A existência de laços entre as literaturas eslovena e estrangeira levou a que se tenham realizado na Eslovénia workshops internacionais de tradução, bem como inúmeros encontros com autores estrangeiros e mesas redondas sobre literatura LGBT, e a que se tenham publicado duas volumosas antologias de poesia LGBT europeia contemporânea, mostrando que a maior força da escrita lésbica não é uma especificidade eslovena, sendo semelhante noutros países da ex-Jugoslávia e em alguns países da Europa Oriental. Também se caminhou em sentido contrário, pois, ao longo dos anos, a literatura eslovena foi apresentada em Londres, Nova Iorque, Atenas, Budapeste, Berlim, Espanha, Itália, Praga e Sarajevo. Esta apresen-

tação em Lisboa insere-se também neste esforço de apresentação e num convite aberto à cooperação futura. Se podemos dizer que muita literatura portuguesa foi traduzida para esloveno, dificilmente se encontram obras em esloveno traduzidas para português.

Brane Mozetič

Nina Dragičević

Poetisa, ensaísta, compositora e detentora do grau de Mestre em Sociologia. É autora de quatro livros: o romance *Kdo ima druge skrbi* (*Quem Tem outras Preocupações*), 2014, as monografias *Slavne neznane* (*Famosas Desconhecidas*), 2016 e *Med njima je glasba* (*Há Música entre os Dois*), 2017, bem como o longo poema *Ljubav reče greva* (*O Amor Diz Vamos*), 2019. Em 2019, foi autora em destaque no festival internacional de arte contemporânea *A Cidade das Mulheres*. Em 2018, ganhou o concurso *O Cavaleiro da Poesia* e foi a primeira autora a receber num mesmo ano os prémios *Prémio do Júri e Escolha do Povo*. Também em 2018, recebeu o *Prémio de Realização Extraordinária* da Universidade de Liubliana e foi indicada para o prémio europeu *Palma Ars Acustica*. O seu livro de poesia *Ljubav reče greva* (*O Amor Diz Vamos*) foi nomeado em 2019 para os prémios *Veronika e Jenko*.

O amor¹ diz vamos

*o amor diz prefiro ser quando somos,
diz não aguento de todo as pessoas,
diz já não há pessoas,*

o amor diz vamos para o meio das pessoas.

vai assim: ela e o amor e eu, uma constelação dialógica,
aqui somos três. anuncio-me num acordo, de confiança, como eu sou.
vou, detenho-me, quando me detenho, acabo comigo, deixo-me acabar
comigo, só que o fim não vem de lado nenhum, então, quando me detenho,
ela detém-me, pensa, detém-me,
eu parada já estou em pé, gosta de mim a que está a parar-me e diz *que
continue assim.*

quando me detenho oiço quer queira quer não o correr de um lado para
o outro de uns passos intencionais, sofredores, com objectivos de leves
pensamentos
calam-se, calam-se, ecoa – tens de, ecoa – aguentar
som como propulsão
imaginação como apodíctica.

vou, vou, comigo principalmente levo
tudo principalmente o que não é meu
e assim, leve, ando, ando, detenho-me, viro-me um passo à frente diz *mas
não há nada de ti*
e assim tudo o que levo comigo não é nada,
beijo o amor e é também assim que resolvo todos os meus problemas.

¹A palavra *ljubezen*, que em português significa amor, é em esloveno do género feminino.

se me pusessem naquela guilhotina em que me apoio,
revoltava-me, gritava e protestava muito provavelmente
também escrevia assim o processo decorria, decorria à distância é sempre
aqui era rebelde pendurava-me *saía imediatamente*
e pendurava-me,
de preferência *no amor*.

o amor diz quando não estamos bem a seguir não a ouço, embora a escute,
mas não a ouço, nessas alturas não me desembaraço por não saber quando
não estamos bem
e quando *estamos bem*
ou então *não estamos bem*, o que, como disse, de qualquer maneira não sei,
admiro-me por pensar que *estamos bem*, na altura sou de preferência eu
mesma, em suma,
não estou mal. detenho-me quase permaneço,
enquanto não estamos bem, não sei nem quando nem onde, existiríamos
mesmo, além disso,
penso, ouço-me, borbulho para fora
e para dentro prendo-me, aperto-me a mim própria como se fosse eu
mesma
e ainda penso que assim estou a infringir todas as mecânicas da civilização
e que assim não fiz *mesmo nada* também não digo, quando me detenho
assim,
quando me pergunto quando é que não estamos bem
e como é que o quando é precisamente agora.

o amor diz não estamos bem, estou *bem*, mas de facto
não estou bem está claro para mim estou mal, quando *o amor diz que não*
existimos,
o amor prefere conversar em vez de falar,

e em vez de dizer alguma coisa, o que prefiro não fazer de qualquer maneira,
não digo nada.

o amor olha para mim como uma corça tão poucas vezes alguém diz alguma
coisa a um desesperado *o amor* não suporta as pessoas, porque as pessoas
sobretudo falam, diz

e *o amor* prefere não falar e eu apenas estou a ouvi-la
saciada sozinha trouxe isto, *agora aguenta*,
mas eu *de facto* não quero aguentar por isso não aguento
e claro que não digo nada porque *o amor* não gosta de conversas,
sou superestimada e senhora de mim própria, prefiro fazer o que gosto
mais, *amor*, amo, aperto, dispo, aliso, avivo, escavo, *o amor* murmura,
sincopa-se, inventa-se, enrola-se, é sinuoso, aperta muito, dobra-se
onde é permitido deixa camada sobre camada mas nunca
uma beata cai-lhe para o chão mas não a apanha dá-lhe um pontapé
e quando lhe dão pontapés a ele, *o amor* aguenta, diz não vão
vergar-me, *não me vergam* e vergam-no e não *o vergam*
o amor assegura a sobrevivência, manipula, *o amor*, o mestre
de múltiplas realidades, sempre a surgir infinitamente ligado cruelmente
suave envolventemente envolvido, persiste como uma urze,
acode quando se antevê na eternidade, apregoa a suavidade,
dispõe a sua graduação em camadas, *amor* um só intervalo, *amor* sempre
exacto, inequívoco, queimado, indesculpável, perdoável, entediado, *o amor*
procura, *o amor* procura-se, de facto está a olhar para o lado vira-se
a pouco e pouco estende-se, oferece as costas, *o amor*, a ideia de vitalidade
dificilmente respira, *o amor* apenas respira, apenas respira,
vocês percebem, *o amor* apenas respira, digo-vos *o amor* apenas respira,
o amor crucifixo estica o peito plano eleva e eleva-se, expira, salta,
o amor anula algumas expirações, também despreza, *o amor*,
a inspiração constitutiva, ofega, diz só *um pouco mais*

amo o *amor*, dançamos, xamãs fazemos profecias até ao fim da vida
deitamo-nos o *amor*
vira-me, quando lhe apetece, diz *agrada-te* digo e muito, diz *agrada-me*,
os nossos ossos em concordância de novo cicatrizados, corrigidos e
partidos diante das reuniões de médicos e júris de juízes,
mas lá fora há dilúvio, mas lá fora *na realidade não há*, nós estamos as duas
nuas e para onde sempre significa *aqui*. isto aqui é o nosso contraponto,
como somos porosas, o nosso *exterior* está em extinção,
aqueço a alma, aliso os seios ardentes,
o *amor* cozinha, o *amor* cozinha, sorvo a sorvo, memorizo-a, aperto-a com
medo
de que mais tarde ou mais cedo vá descair, perder a cabeça, para *esgueirar-*
se da situação
sou minuciosamente afinada nela, toda átona,
procuram o *amor* para o expulsar para cessar essa revolta, mas não
cessa, não cesso, já todas derretidas nos apoiamos, nos encostamos
assassinava-me sobre ele,
o *amor* diz *oxalá durasse*.

aproveito este conhecimento ou o que é ou o que não é
de certeza deslizo para a frente dela para a superfície. tudo o que memorizo
lembro sempre aqui todo o tempo,
um eco da detonação dos corpos das minas dispersas, o plano não existe.
esta *tempestade* é uma consequência permanente materializada através
duma
persistência de sonoridade
isto aqui é um presente permanente, um pogrom inapagável povoado
abundantemente,
o suave colonizador não se vê e ninguém se importa

e precisamente por isso há destruição, isto aqui é uma destruição arrastada
por nós,
repositório indelével do ouvido, penso escrevo penso
que vai tudo passar se o escrever,
mas não passa, não passa, não passa
isto *aqui* não passa de nenhuma maneira, não passa,
uma reverberação infinita, *pira-te* e *vai-te foder*, mas para onde,
toda porosa corro para o *amor*, diz
é bonito quando estamos sós mas não estamos sós estão sobretudo *aqui* uns
chacais emalhados enlaçados estilhaçados
mas estamos juntas, porosas, entregamo-nos uma à outra, arrastamos
todos,
acusamo-los e claro que vou que vou e estou aterrorizada, que vão todos,
penso não vou libertar-me deles o *amor* impregna-me e eles a ele.
isto aqui é uma maldição do som, uma entoação do benigno dispo-me o
amor abre-me
para o *amor* o dilúvio

o *amor* não chama, quem sabe onde está, claro que sei onde está
o *amor* capturado num labirinto
a alguma distância daqui
que é só e apenas *aqui*, encontrava-me e levava-me com facilidade,
se desejasse, como desejo que me leve, quer dizer, deseja-me
o *amor* não chama penso *go figure*, quero dizer vou, vou, digo, penso que
com tudo isso não
tenho nada, penso o *amor* não faz ideia, o *amor* assegura completamente
pseudo-ligações
arrasta por aí, procura um contacto
sempre curto, o *amor* quer-se mais do que imediatamente e para sempre o
amor persiste

claro, o *amor* dado penso asseguro-me,
terrivelmente convencida insisto em que o *amor* é verdadeiramente cego
uma senhora inventada superficial, *isso não existe na realidade*, mas existe
mesmo,
penso o *amor* dirigível irascível
assim valorizo o *amor* e acredito muito, então quando digo que não sou, que
não serei
que assim dito ou dito doutra maneira nunca sou.
vejo-a no outro lado da cidade, se pudesse ver alguma coisa nesta cidade,
oiço-a, oiço, ofega, oiço um longo ϵ , quando é forçado e quando quer,
quando queria dormir,
oculta-se toda destra jaz imóvel,
lembra-se, como diz *em frente de nós a vida toda*, acredita nele, eterno, mas
não
surge o início de nenhum lado.
totalmente asseguramos a eternidade, lado de distância vejo-o *junto*
esbelto, esplêndido, esqualido, evaporado
nesta cidade espalhado pela cidade no chão, no rés-do- chão num grão de
ervilha
balança no meio do abismo está preocupado, caía, apanhava-o, o *amor* não
se importa,
a vida como um desentendimento.

isto aqui são os nossos fins mas porque insisto em que os fins não existem,
não me enervo
o *amor* parece calmo quando o encontro nesta cidade o desencontro não é
possível
com exceção quando alguém encontra o juízo.
o *amor* alquimia barthes dá grandes gargalhadas,
peço *amor* para terminar mas o *amor* gera entropia e eu nele, onde gosto
mais de estar

dizem *vai ficar tudo bem*, mas eu não acredito em vocês,
este poema escrevem-no vocês e eu não confio de todo em vocês,
vou, corro, oscilo escavo túneis vou frenética
juro que vou tirar-me a vida,
para ser *meu*, para ser algo *meu*
então vou privatizar-me
estou a proclamar a independência danço na *praça*
claro que totalmente asseguro *as tendências*, as marionetas da propriedade,
as coreografias diabólicas
aqui nos afluentes vem, desaparece, *fica*
e claro que vou e claro que não me importo,
enervo-me eternamente, o quê, se o *amor* não me chama
sei o que faço
não o chamo
vou tirar-me a vida então é minha,
sou proprietária e este é o meu casulo
e viro o *amor* diz o *meu dervís*
talvez chame o *amor*
e agora já não sei, claro que sei, e o que faço agora
chamo o *amor* e digo *vou para ti*.

Aljaž Kóprivnikar

Poeta, crítico literário, editor e tradutor. Coopera regularmente com várias organizações literárias eslovenas e internacionais. A sua estreia na poesia, *Ανατομία*, foi publicada em 2019 pela editora grega Vaxikon, e no mesmo ano *Anatomija (Anatomia)* foi editada pelo Centro de Literatura Eslovena. Por outro lado, os seus poemas foram publicados em várias revistas literárias e antologias e traduzidos para o inglês, checo, grego, croata, alemão, macedónio, português, sérvio e espanhol. Presentemente, vive em várias cidades: Liubliana, Berlim, Praga e Lisboa. Em Liubliana, retorna à literatura eslovena e organiza o Simpósio Internacional da Crítica *A Arte da Crítica*, o *Festival Fabula de Literaturas Mundiais* e os *Dias do Livro Esloveno*; em Berlim, prepara uma *Antologia da Literatura Jovem Eslovena em tradução alemã*, em Praga, é diretor de programação do *Festival Literário Internacional Micro-festival* e em Lisboa leccionou várias vezes na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Actualmente, está a preparar uma nova coleção de poesia para o mercado literário grego.

Quem cai no colo do amor devia ser pendurado de imediato

Um dia de manhã

abri a caixa do correio e numa carta abri-te a ti
com a língua húmida pus saliva na margem
do teu corpo que tem sabor a um sal colhido
e feri a língua no rasgar dos teus contornos de papel.

Trouxeste escrito a mensagem:

Um dia de manhã

*Tenho de escrever rapidamente
porque a escuridão está a chegar
Esqueci-me de ti
tal como se esquecem os sonhos.*

...

Para Katja Gorečan

*O truque da solidão é
que tem um sabor
diferente da dor*

*e quando com a língua escorregas
pelo caminho amargo
és tu próprio inútil*

*o tacto escondido sob as costelas
e as mãos escondidas
sob uma vigilância severa*

*queria fazer uma chamada
telefónica para aquele que entende
para aquele que está a fumar na varanda*

*atrás da porta e desbravar
sempre o mesmo caminho
entre o bater dos átomos
do meu corpo*

...

Para Pedro Neto

I.

Em noites como esta profetiza-se do fundo dos corações
dos contornos da cara
mais fundo do que nas películas de filmes
na relva

no mato

longe

afastado

fundo

embora bata

tum

tum

tum

tum

debaixo de incontáveis camadas de matéria

II.

Por todo o lado
a noite sem fim
caiu no país
 no meio da escuridão
um embrulho do eixo
da escuridão

uma pele sensível
 anda na escuridão
 talvez seja uma palavra de quatro letras
 as câmaras de segurança
 dedadas

*voltarei esta noite
a rua é um rio seco*

os primeiros raios de luz
 com uma cicatriz
 nos olhos
 tu

embora ba
 tam
 tam
 tam

tam
 incontáveis camadas de matéria.

III.

Tu penetras pelas janelas para os espaços
modificas os cenários as formas e as cores
que o teu olho capta

 todas as outras dimensões
dão respostas
 só esta não dá
 soam como um grito de sonho

como as restantes
 as últimas linhas de olfacto
 como é o teu olfacto numa tempestade
 no meio da rua?

E vais deixar escorrer
 gota a gota
 como a chuva
 o corpóreo para a rua

uma gota
 após outra
 de um instante
 para o outro
 formam lagos
 são engolidos

e inspiras-me como o ozono
 preocupa-te
 com o teu regresso
 como a luz se veste

do cheiro das ruas que amanhecem
conjurado
a partir das cartas
que levas
no bolso
preocupa-te
em encontrar a solução
do enigma
*Numa floresta
encontras um espaço
onde o poema acaba.*

Brane Mozetič

Nasceu em Liubliana em 1958. Estudou Literatura Comparada e Teoria Literária na Universidade de Liubliana e formou-se em 1983. Trabalha como editor das colecções literárias *Aleph* e *Lambda* no Centro de Literatura Eslovena. Em 2003, com a recolha de poesia *Banalije (Banalidades)*, 1983, ganhou o Prémio *Jenko*, que recebeu novamente em 2020 pela recolha de poesia *Sanje v drugem jeziku (Sonhos noutra Língua)*. Editou quatro antologias de literatura LGBT e várias obras de apresentação da literatura eslovena contemporânea. Tem mais de quarenta livros traduzidos e a sua recolha de poesia *Banalije (Banalidades)* foi traduzida para doze línguas, o que o torna um dos autores eslovenos contemporâneos mais traduzidos. A sua obra intitulada *Metulji (Borboletas)* foi o primeiro livro de poesia eslovena traduzido para a língua portuguesa e a antologia poética *Possessão* foi a sua primeira antologia publicada em Portugal. Também organiza workshops de tradução, leituras de autores eslovenos no exterior, o pequeno festival literário e musical *Literatura Viva*, o *Festival de Cinema LGBT de Liubliana*, etc.

Dizem-nos para irmos para a cidade, para ver os monumentos,
nas mãos impõem-nos os mapas e sorriem quando desajeitados
abrimos grandes extensões de papel. A ti não te conheço ainda,
não sei o que dizer-te. Passamos pelos bulevares e as pessoas
que vêm de frente ou vão ao nosso lado tornam-se cada vez maiores.
Já são tão grandes que vemos apenas uns enormes sapatos
ao nosso lado. Podiam pisar-nos, mas não, seguindo
um estranho plano, tocam o chão ao pé de nós,
olhamos fixamente das suas pernas para cima,
mas já não lhes vemos as cabeças. Puxas-me para um lado.
Vamos atravessar a ponte, dizes-me. A ponte é estreita,
só para peões, de ambos os lados há uma grade de ferro,
por baixo uma rua larga, larga e uma infinidade de carros
que correm, buzina, travam. Apenas vencemos umas faixas,
não lhes vemos o fim, a grade de um lado desaparece,
tenho vertigens, seguro-me com firmeza ao resto da grade,
as pernas tremem-me. Não consigo continuar, digo. Vou cair.
Volto para trás recuando, constrangido, seguro-me,
continuas a andar, a grade do outro lado também desaparece,
e muito à frente paras, a ponte interrompe-se,
não podes pôr os pés em lado nenhum. Acenas-me
para esperar por ti. Encontramo-nos na *Place de Clichy*,
aqui há menos pessoas e não são tão grandes.
Entramos num bar, sentamo-nos, ao canto uiva
uma *juke box*, o empregado coloca em frente de nós
dois copos pequenos de um licor de ovo. Com cuidado
levantamo-los e molhamos a língua num líquido espesso.
Quando é que vais para casa, pergunto-te. Olhas para mim
com um olhar esbugalhado, com a boca toda amarela.
Para casa? Não tenho casa. Tu tens? Agora penso muito,
lembro-me duma ponte interrompida,

tenho tanto medo que não consigo dizer nada.
Molho o dedo no licor e rabisco algo na mesa.
Parece que percebes o que quero dizer.

/ Maria Mercè Marçal /

Passa em frente de mim por um jardim pouco arranjado, desvia os ramos baixos, em frente uma cabana torcida, abre a porta para ver uma cozinha desarrumada, quarto, casa de banho tudo numa única divisão, dentro três rapazes traquinas saltam à volta dele, ele empurra-os: Não, não, não, agora temos uma visita. Inclina-se, procura uma coisa debaixo da cama, não vejo o que é que encontrou. Temos de nos ir embora imediatamente, lá decides, diz-me. Empurra-me à frente dele, de novo afasta os ramos. Vindo do nada, aparece um jipe velho, está todo castanho da lama que apanhou, o motorista empurra-me para os bancos de trás. É melhor que te inclines, aqui gostam de dar tiros aos brancos. Arranca, há muitos buracos na rua, estou semideitado, tento olhar para fora por entre os dois bancos da frente. Em cada cruzamento há uma cruz grande e um monte de esfarrapados ajoelhados à sua volta. O motorista carrega no acelerador, ele está sempre a repetir que vamos chegar em breve à estação. O jipe ultrapassa o autocarro e vira-se para a frente dele para ele parar. Saltamos para fora e batemos na porta. A porta abre-se, dois militares puxam-nos para dentro. Agora posso estar sentado normalmente por haver seis militares no autocarro que tomam conta de nós. A cidade fica para atrás, à volta está tudo deserto, depois cada vez mais árvores. A certa altura dá-me com o cotovelo. Acena a um soldado, o autocarro pára e já estamos fora. No meio do nada. Dum arbusto surge um homem armado até aos dentes e indica-nos que o sigamos. Parece uma selva. Corta os ramos com um machado, abre-nos um caminho, tenho medo de cair. Mas não é preciso esperar muito até surgir um homem velado que nos mostra um buraco escavado na terra com três por três metros e talvez com a mesma profundidade. Se quiseres curar-te, esta é a única oportunidade. O Ricardo tira um frasco dum bolso. Provavelmente era o que estava a procurar debaixo da cama. Quando beberes isto, vais ficar levemente embriagado, vamos pôr-te dentro do buraco, tu vais deitar-te no chão. Vamos atirar para o pé de ti cinco serpentes venenosas que foram caçadas no leste e cinco

serpentes venenosas que foram caçadas no oeste. O seu veneno vai destruir o teu veneno. Percebes? Olha para mim suavemente. Confia em mim. Vais acordar daqui a três dias. Então vamos para o mundo. as serpentes esticam as cabeças para me ver. Abre-me a boca, deita nela um líquido amargo, despe-me a roupa, sobre mim sinto um ser escorregadio, grito.

/ Ricardo Lindo/

Dão-me um recado: tenho de ir urgentemente para Larache.
Está lá à minha espera. Na agência estou à espera
todo nervoso a andar de um lado para o outro.
Batem nos teclados dos computadores e não encontram nada.
De certeza deve haver uma maneira de ir para lá, exclamo.
Tanto me faz que seja de avião, de barco, de comboio, de camelo...
Estou desesperado. Saio. Em frente de mim
uma viela muito estreita. Um sol ardente. As casas são baixas,
brancas, azuis. Apresso-me e enredo-me num labirinto
de ruas iguais, casas iguais. Não há ninguém em lado nenhum.
Num cruzamento está sentado um velho que sorve chá.
Paro em frente dele, já sabe ao que venho. Acena
com a cabeça, estala os dedos. De algures aparece
um miúdo de calções e diz-me que o siga. Vira-se para trás,
para eu não me perder. Fica cada vez maior, pisca-me o olho
todas as vezes que me olha e agarra-se entre as pernas.
Já estou todo molhado. O rapaz separa as casas umas das outras,
o vento sopra, em frente de nós o mar rebenta nas falésias.
Detemo-nos no alto. Dá-me a mão, empurra uma estridente
porta de ferro completamente enferrujada numa vedação,
só lápides, algumas árvores, debaixo das quais há cães deitados,
puxa-me para a frente quase até à margem.
Vejo-o ali, está sentado numa pedra completamente branca.
Cumprimento-o, mas ele só aponta com um dedo para outra pedra branca.
Sento-me nela, olho para ele, está cansado. Na pedra dele,
está escrito Jean Genet. Inclino a cabeça para baixo, na minha não
está escrito nada. O rapaz desaparece. Dois cães chegam, cheiram-me
prolongadamente. Atrás de mim rebentam as ondas.
Sabes o que me interessa, diz. O que é que pensas sobre a eutanásia?
Não, não, isto não é a Suíça, apresso-me a dizer. Mas também:
se o que se revolta contra todas as normas te convida

dá-lhe sinceras boas-vindas... Ri amargo. Não, não, não há amor,
não há um mundo bom, só facas, só bombas, boca fechada,
porta fechada, povos parvos, vozes de multidões
que pateiam, gritam, querem sangue. Tento segurar a sua mão
a tremer, mas está muito longe como se estivesse a afastar-se.
Se alguma vez sonhar, vou sonhar numa outra língua...
É a última coisa que percebo embora continue a falar mais rápido,
cada vez mais rápido...

/ Juan Goytisolo /

Milan Šelj

É poeta, tradutor e jornalista, tendo-se licenciado em Literatura Comparada e Sociologia pela Universidade de Liubliana em 1985. Vive e trabalha em Londres desde 1992. É co-autor do romance epistolar satírico *Spolitika* (publicado pela editora Cankarjeva založba em 1999). A sua primeira recolha de poesia, *Darilo (A Prenda)*, foi publicada pela editora ŠKUC-Lambda em 2006. Bem recebida pela crítica, foi descrita como um dos livros de poesia mais explicitamente homoeróticos na Eslovénia até então. A sua segunda recolha de poesia *Kristali soli (Cristais de Sal)* foi editada em 2010, seguindo-se *Gradim gradove (Construo Cidades)* em 2015 e a quarta recolha *Slediti neizgovorjenemu (Seguindo o Não Dito)* em 2018 (ambas publicadas pela ŠKUC-Lambda). As suas obras estão traduzidas em várias línguas e poemas seus foram incluídos em antologias: *Cavafy's Sons and Grandsons in Israel*, 2015, *Antologia da Poesia Gay Contemporânea Europeia, Moral bi spet priti* (ŠKUC-Lambda, 2009) e *Antologia da Poesia Lésbica Contemporânea Europeia, Brez besed ji sledim* (ŠKUC-Lambda, 2016) e revistas. A sua quarta recolha de poesia *Slediti neizgovorjenemu (Seguindo o Não Dito)* foi também publicada recentemente pela editora A Midsummer Night's Press em Nova York, em 2019, traduzida para inglês.

Inventário

Num quarto vazio abri a mala: ponho num armário a roupa interior branca e o resto nos cabides. Livros e algumas cassetes sem as quais nunca poderia viver em lado nenhum ocupam uma prateleira: *The Smiths* e *Cosi Fan Tutte...* Agora vai ser aqui a minha casa no estrangeiro. Tecer o ninho distrai-me por alguns dias e depois há uma planície nua de toda uma vida à minha frente, na palma da minha mão para olhar para trás e para a frente para o precipício.

O amado ficou em Liubliana. Não vai ligar-me nos próximos três anos. Se alguém mo tivesse insinuado, provavelmente ria-me na cara dele. (Para se desculpar disse sempre que eu me fui embora de casa.) A minha fé nele vai ser inabalável até ele me deixar sem mais nem menos ao telefone e ir para o mar com outro.

Vivo em Londres como um monge entre rios de pessoas, ninguém fala contigo nem pergunta quem és, como estás. O espaço de uma água profunda assusta. A bagagem de Liubliana é uma velha sujidade e com o peso da experiência empurra-me para o chão. Devagar rói dentro de mim: podes ir para o outro lado do mundo, de ti nunca consegues fugir.

Beijo

Estás muito junto a mim
e em cada instante
posso beijar-te

E persisto em beijos
para os lábios memorizarem
o doce sopro do teu estremecer
para sempre

Também para quando
meu amado
estiveres junto a mim
de uma outra maneira
para sempre

Alegoria sem moral

Ainda queimas
com o olhar de desejo
borboletas de esperança
na minha pele

Como ardem os pelinhos
e brotam os mamilos
lembrando-se da noite passada

Um Baco gordo
olha para nós distraído
nadando numa piscina
de luz nocturna
e mói o milagre
do ardor
que presença

Poeta numa metrópole

Em vez de escrever
imediatamente
sobre o ímpeto
das calças apertadas
e a volúpia
das camisas nuas
e exuberantes no verão
nas passeadeiras

ando pelo mundo
sem lápis
no bolso

E que poeta

A promessa vive um desafio

Para escrever poesia não preciso
só de palavras revolvidas
letras gastas
e folhas amarelas de papel

Para um poema preciso
do latejar dum corpo livre
Ardor na pele
semente derramada
E o soar
de uma vida
bebida até ao fim

Nataša Velikonja

Socióloga, poeta, ensaísta, tradutora e ativista lésbica. Publicou seis livros de poesia; a sua primeira recolha de poesia *Abonma (Assinatura, 1994)* é considerada a primeira recolha de poesia assumidamente lésbica na Eslovénia. É também autora de cinco livros de ensaios e artigos científicos, dois deles em co-autoria com Tatjana Greif. Traduziu cerca de vinte livros de teoria lésbica e gay e crítica social radical, bem como teorias de arquitectura e design. Recebeu o prémio *Prešeren* pela sua tese de licenciatura em 1993, o prémio *Župančič* pela sua obra literária em 2016 e o prémio literário internacional *KONS* em 2018.

conteúdos das geometrias marítimas

VI.

estávamos à mesma distância uma da outra.
não queria ouvir nada mais belo.
e depois já nada importa que perto ou longe é isso.
o chão inclinava-se subitamente. primeiro
através das pernas, através da pélvis e de todos os tubos
e espaços. de um momento para o outro
esquecia o que fazia. agarrava-a pela cara, pelos seios.
e pelo cabelo. que cada vez está mais comprido.
e é mesmo o que deseja.

VII.

não leio e não falo e ela também não.
estamos deitadas as duas. simplesmente deitadas.
estamos a preparar-nos para adormecer,
é mesmo assim. todo o sal com o banho
saiu da pele. ficou apenas uma carne limpa,
viva, uma roupa interior fresca e todos
esses ganchos de cabelo. ainda me levanto, rodo a chave e
daí o lago nos dois lados flui doutra maneira.

VIII.

de facto não estou mesmo sozinha em nenhum momento.
escrevo, leio menos, sou a última a adormecer e a primeira a acordar.
se consigo mesmo dormir com todo este mar.
oh, há muito disso. não há uma água mais molhada
que esta. não a troco. não sei
como é que vai ser com o dormir desta noite, não sei.

IX.

passa um dia e já estou noutra. a paisagem
da ilha é estilhaçada e depurada
através dos seus ângulos e picos. pensas, não há
um fim das baías e dos caminhos. estamos a andar agora
num barco branco e agora num barco azul. todos
estes gestos da boca e as rugas mímicas à sua volta.

X.

aqui nem o mar percebo como mar.
e estas baías fechadas como algo que se deita nele.
o lago como lago. tudo sai de trás.
tudo é possível. com ela parece-me claro
como um cristal. também chorei. não havia
nenhuma razão palpável mas nestes lugares
tudo se revela.

Uma (muito) breve introdução ao movimento e à literatura LGBT portuguesa

Quando falamos de qualquer literatura, mais cedo ou mais tarde, devemos também falar sobre a sociedade e a cultura que a cria. Se o nosso interesse é a literatura LGBT, temos que pesquisar a sua relação com a homossexualidade em Portugal, que, fora da cultura judaica e árabe foi amplamente construída em torno da doutrina da Igreja Católica, a qual perseguia e punia severamente os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Assim, a comunidade LGBT durante muitos séculos, na época da monarquia (em que a homossexualidade foi por um curto período legalizada em 1852), na *Primeira República* e no período do *Estado Novo* esteve em grande parte escondida dos olhos do público. O regime de ditadura (1926-1974) considerava a homossexualidade imoral numa sociedade fortemente subordinada aos valores morais da doutrina *Deus, pátria e família*. Só depois da *Revolução dos Cravos* em 1974, foram criadas as condições fundamentais para mudanças na mentalidade social, política e legislativa, que conduziram também à descriminalização e maior aceitação da homossexualidade em Portugal. Imediatamente após a revolução, surgiram movimentos e organizações importantes, como o *Movimento Homossexual de Ação Revolucionária* (MHAR), fundado por António Serzedelo,

que publicou o *Manifesto pelas Liberdades Sexuais* em 1974, o *Colectivo de Homossexuais Revolucionários* (CHOR), em 1980, os *Encontros “Ser (Homo)sexual”* (organizados pelo *Centro Nacional de Cultura* em 1982) e posteriormente a *Intervenção Lésbica Gay Bissexual Trans e Intersexo* (ILGA), o *Arraial Pride*, o *Clube Safo* e o *Opus Gay*, que desempenharam um papel crucial na aceitação do movimento LGBT. Mudanças fundamentais ocorreram graças à vontade política e ao uso do activismo sincrético, que resultaram na redução gradual da discriminação por orientação sexual, até que na década de 90 do século XX, a homossexualidade passou a ser mais outra faceta aceite da sexualidade humana. A mudança para melhor também se concretizou com a aprovação das leis sobre legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo (2010) e a adopção integral de crianças por casais do mesmo sexo (2015), o que mostra um aumento esmagador da igualdade para a comunidade LGBT e a sua aceitação na vida social e política portuguesa dos nossos dias. Se a mudança na atitude social portuguesa para com os indivíduos LGBT e o próprio movimento podem ser considerados como uma transição de um ambiente tradicional e conservador para uma sociedade aberta e liberal, o mesmo se pode dizer da literatura LGBT portuguesa.

Quando falamos de literatura LGBT, podemos recorrer a vários critérios e diferentes abordagens, pois pode ter muitos marcadores – oriundos da criatividade de autores LGBT ou de escritores heterossexuais (como António Lobo Antunes ou Lídia Jorge, em cujas obras reconhecemos motivos LGBT), que em suas obras abordam a identidade LGBT ou de género, muitas vezes por meio de questões políticas ideológicas. Se tivermos em conta o rótulo muito vago de que a literatura LGBT aborda a identidade de pessoas LGBT, contém temas e motivos LGBT e é funcionalmente independente da identidade sexual ou de género do autor, podemos reconhecer um cânone bastante diversificado de escrita LGBT em Portugal. Na linha do tempo, podemos situar o seu início já na Antiguidade e períodos posteriores em toda a Península Ibérica (por exemplo, a poesia homoerótica andaluza e a poesia homoerótica hispano-judaica), mas em períodos posteriores sob influência

da fé católica, esta literatura esteve durante séculos escondida dos olhos do público. Devido à censura da opinião pública, bem como à autocensura dos autores, os primórdios da literatura LGBT em Portugal situam-se nos finais do século XIX e começos do século XX, destacando-se, em primeiro lugar, Abel Botelho e o seu romance *O Barão de Lavos* (1891), que aborda o triângulo amoroso de um nobre português, a sua esposa e um jovem amado por ambos, ao mesmo tempo que nos traz uma interessante descrição da agitação dos bairros gays de Lisboa. Entre outras importantes obras de temática LGBT dessa época, *A Confissão de Lúcio* (1914) destaca-se certamente como uma das mais importantes obras de vanguarda do autor português Mário de Sá-Carneiro. O livro, que alguns estudiosos consideram o primeiro romance gay em Portugal (dado que *O Barão de Lavos* se centra na pedofilia), retrata o triângulo das relações entre Lúcio, Marta e Ricardo em forma de romance policial ou de fantasia. Este período também deixou vestígios de temáticas LGBT a nível da poesia, valendo a pena referir autores como António Nobre, Judith Teixeira, Raul Leal ou António Botto, que com *Canções* (1922), uma recolha de poesias abertamente homossexuais, causou um grande escândalo. Ainda que a liberdade de expressão fosse geralmente restringida também durante a repressiva ditadura do século XX, obras relacionadas com LGBT foram publicadas por alguns autores, como Marmelo e Silva (*Sedução*, 1937), Vitorino Nemésio (*Mau Tempo no Canal*, 1944), João Gaspar Simões (*Internato*, 1946), Bernardo Santareno (*O Pecado de João Agonia*, 1961), entre outros, estando também presentes traços de motivos LGBT em obras de Luiz Pacheco, Jorge de Sena, José Régio e Luís Miguel Nava (embora, em alguns casos, as obras nada tenham a ver com a orientação sexual do autor). No final dos anos 1960, e até ao fim da ditadura, quando a liberalização finalmente ocorreu em 1974, a abordagem de temas LGBT em Portugal tornou-se mais frequente. Podemos citar, por exemplo, Guilherme de Melo, um dos principais pioneiros do movimento LGBT português, Al Berto, Armando Silva Carvalho, João Miguel Fernandes Jorge, Eugénio de Andrade, Luís Miguel Nava, Gastão Cruz, António Franco Alexandre, Luís Miguel Nava ou Mário Cesariny. As décadas sub-

sequentes, com mudanças na ordem social, tiveram também uma influência decisiva na literatura, na qual reconhecemos vozes importantes da literatura LGBT portuguesa, nomeadamente Joaquim Manuel Magalhães, Eduardo Pitta, Miguel Real, Mário César Lugarinho, Frederico Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Álvaro Oliveira e muitos outros que tratam de temas LGBT em suas obras ou são eles próprios criadores LGBT. Deve notar-se que, se durante as décadas mencionadas a literatura gay cresceu rapidamente, o mesmo não se pode dizer da literatura lésbica, tendo havido apenas um pequeno número de edições de poesia na última década e os estudiosos consideram muitas vezes que a escrita lésbica em prosa não existe em Portugal ou, se existe, possui uma qualidade literária duvidosa que apenas repete questões identitárias e está sempre associada ao receio de revelar a homossexualidade – alguns têm opinião semelhante sobre a homossexualidade na literatura portuguesa, por ser modesta ou não suficientemente provocadora na maioria dos casos. Não obstante, nas últimas décadas assistiu-se a um aumento do interesse pela literatura LGBT no sector da edição e venda de livros, destacando-se as editoras *Bico de Pena*, *Zayas Editora* ou *Fenda* (recentemente encerrada), que publicaram obras literárias LGBT, e a livraria *Esquina Cor-de-Rosa*, que infelizmente fechou em 2005. Perante uma situação em que a maioria dos criadores assumidamente LGBT já publicavam as suas obras em edições de autor, como Marta Tasmânia e Isidro Sousa (editor da revista LGBT *Korpus* e da *Primeira Antologia de Literatura Homoerótica Portuguesa* em 2001), o surgimento destas editoras pode ser considerado como um progresso importante. Maior atenção é também dada a esta área da literatura nos meios académicos, podendo assistir-se nas universidades portuguesas à criação de estudos queer e de género, ao mesmo tempo que debates científicos e livros individuais sobre questões LGBT vêm sendo publicados nos últimos anos, como, por exemplo, *Dicionário de Literatura Gay, Fractura. A Condição Homossexual na Literatura Portuguesa Contemporânea*, *Corpo no outro corpo: homoerotismo na narrativa portuguesa contemporânea* ou *Indisciplinar a teoria – estudos gays, lésbicos e queer*, para citar apenas alguns exemplos.

Tendo em conta tudo o que referimos, a situação da actual geração LGBT na poesia e na prosa em Portugal tem progredido consideravelmente, o público mostra aceitação e interesse pelas questões LGBT, e os criadores LGBT realizam experiências literárias mais ousadas e confrontos abertos com temas literários, sendo mais descontraídos relativamente à sua sexualidade, o que também é evidenciado pela geração mais jovem de escritores LGBT a que pertencem Ricardo Marques, André Tecedeiro, Rita Natálio e Tiago Lila, apresentados nesta antologia, que estão a co-criar activamente o cânone literário LGBT português e a ultrapassar significativamente os limites do conhecimento da escrita e da criação LGBT.

Aljaž Koprivnikar

Tiago Lila

Cantor e letrista no projeto *Fado Bicha*, que iniciou em 2017 com João Caçador. Nasceu na Mouraria, numa família ribatejana, e cresceu em Odivelas. Fez teatro durante vários anos, começando em 2004, e de 2014 a 2016 viveu em Atenas, trabalhando numa ONG internacional pacifista.

Para provar que não estou morto

Para provar que não estou morto
Eu escrevo e só durante a madrugada
Recluso da noite, forjo um conforto
Mar imenso de crude onde não inventaram a palavra porto
Vida de fuga, farol de nada
Para provar que não estou morto
Faço planos e envio dedicatórias
E de tudo o que purgo, fico mais gordo
Que comer lembra-me de viver e a fome levanta-me ainda que torto
Grandes mentiras, pequenas vitórias
Para provar que não estou morto
Falo de mim mas nunca tão fundo
Dobro-me e beijo um joelho absorto
E por muito que durma, quem se anima a sonhar sempre tem um corpo
Meninges que ardem mais do que o mundo
Para provar que não estou morto
Eu lancei as sementes ao vento
Para provar que não estou morto
Eu cantei o meu fundo lamento
E não sei o que sobrou

Lisboa, não sejas racista

Dizes que não és racista
Senhora Lisboa
Vou dar-te só uma pista
E olha que não falo à toa
Lembras-te do quanto
Chutaste para canto
Quem filho do Império fora?
Bastardos serão, portanto
Do Jamaica à Cova da Moura
Lisboa, não sejas racista
De visão simplista
Só te fica mal
Lisboa, a Joacine diz-te
O racismo persiste
Porque é estrutural
Lisboa, mas sempre na berra
O «vai p'rá tua terra»
Ouves-te a falar?
Lisboa, não sejas racista
Um psicanalista
Podia ajudar
Revisita a tua história
Senhora Lisboa
Aprende a quem deves memória
Os caídos da tua coroa
Mas ouvi dizer
Que o Medina quer fazer
Um museu da lusa aventura

Chega de enaltecer
Um império assente em escravatura
Lisboa, não sejas racista
Colonialista
De civismo à Brás
Lisboa, destino traçado
Na escola colado
À mesa de trás
Lisboa, limpa por mulheres
Às quais não conferes
Direito a sonhar
Lisboa, não sejas racista
É tão quinhentista
Vê se mudas de ar
Lembra sempre o bom Candé
Lisboa, na praça
A sua morte rima com André
E a corja do dia da raça
Que agora ri
No sofá da TVI
A falar bem do Salazar
São opiniões, é só um nazi
Não vês mal em normalizar
Lisboa, não sejas racista
Sorriso trocista
Às queixas que há
Lisboa, celebra a Beatriz
O que a mulher negra diz
E o Mamadou Ba
Lisboa, com ecos de PIDE
A vir de Alfragide

Segurança p'ra quem?
Lisboa, não sejas racista
Polícia fascista
É bosta e bem
Lisboa, não sejas racista
Não é só pra turista
Vir e ocupar
Lisboa, não sejas racista
Velha cavaquista
Não queiras voltar
Lisboa, não sejas racista
Senhor comunista
Ponha-se a par
Lisboa, não sejas racista
E crê que esta lista
Não vai amansar
Lisboa, não vives não falas
Tira-me essas palas
E aprende a escutar

Ricardo Marques

Doutorado em Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve investigação pós-doutoral no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição sobre revistas literárias do Modernismo. Neste âmbito, coordenou recentemente o volume de ensaios *Tradição e Vanguarda: Revistas Literárias do Modernismo (1910-1926)*, editado pela Biblioteca Nacional de Portugal (2020). Desenvolve actividade crítica em revistas da especialidade (*Colóquio-Letras, JL, Relâmpago*), sendo também tradutor de poesia e tendo editado dispersamente algumas dessas traduções. Neste âmbito foram publicadas, entre 2011 e 2018, antologias poéticas de Tennessee Williams, Amy Lowell, D.H. Lawrence, Vicente Huidobro, Patti Smith, Billy Collins, entre outros. Foi ainda co-coordenador do último *Seminário de Tradução Colectiva da Casa de Mateus* (2019). Depois de *Na Teia do Poema: um percurso intertextual na Poesia de Nuno Júdice* (Chiado Editora, 2013), foi publicada no Brasil a sua primeira obra de poesia (*Makar*, Arqueria Editorial, 2014). O seu último livro de poemas é *Lucidez*, ed. não edições, 2019.

O caminho do tempo

Tenta sempre que o passado esteja em todas as coisas que faças, ainda que tenhas evoluído no único sentido possível: A vida não tolera atrasos nem bruscos avanços, e o bater do segundo é a sua face mais visível. Procura lembrar-te das árvores que plantaste na vida de alguém, das linhas em que o teu coração se perdeu e das outras que desenhasse racionalmente com a mão, imitando o gesto criador inicial. Lembra-te dos rostos que beijaste, dos aviões que tomaste, dos risos e das lágrimas que verteste. Mas mais importante que isso, ou depois de tudo acondicionado no volátil espaço da memória, lembra-te das decisões e das dádivas que te permitiram escapar à morte de cada dia, ela que sempre te esperou quando menos esperavas num canto distraído das horas.

[Estamos aqui para converter]

Estamos aqui para converter
os mortos em vivos, buscando
o que sentimos no que a vida
nos vai dando -

a arte sucede, disse o poeta,
a arte sucede quando o poema
é sucedâneo - substância do
pensamento que ganha corpo

e vence o que nos liberta:
a morte:
amar-te será em breve
o que o vício de viver disputa -

conhecendo-te esqueço quem fui
convertendo-me ao escuro
e à profunda arte de viver
encoberto.

Deformações

Dizes que agora
falarás da forma,
mas de que forma?

De formações na rocha,
ou camadas geológicas
em vez das vozes
da memória?

Dos deuses dizes
a forma, anseias por ela
mas nunca a saberás -
falarás então da forma
mas só encontrarás
deformações.

Rita Natálio

Nasceu em Lisboa em 1983 e licenciou-se em História pela Universidade Nova de Lisboa e em Arte Coreográfica pela Universidade Paris VIII com o apoio de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Estudou como performer no *Forum Dança no Programa de Investigação Coreográfica 2006* (Lisboa) com Vera Mantero, João Fiadeiro, Emmanuelle Huyn, Mathieu Doze e Nicolas Floc'h e participou em vários workshops de composição e improvisação com, entre outros, Christian Rizzo, Loic Touzé e Armando Menicacci. A sua actividade artística e pedagógica centra-se principalmente na dramaturgia e no apoio ao desenvolvimento de projectos artísticos e de investigação.

Dia da visibilidade lésbica

primeiro dia foi assim

animais escondidos

dentro de mim,

cobra mira minha vagina

língua dividida da onça

por cima de mim

pais não ensinaram

a mirar a lesma forte

cuspiendo assim

a gatinha preta na cama

batendo os dentes em mim

madrinha era lésbica

também não ensinou

que a uva é assim:

se come tudo de uma vez

suco, pele, grainha de mim

até pele de galinha de mim

se frita, se tosta

até abelha zunindo

sim, dentro de mim

até porco vitela

costela dela

miojo de funghi-mim

uma patinha afundando

seus bicos no peito

seus picos de ouriço

meu mamilo desfeito

primeiro dia que amei

ficou feito

era uma louva-a-deusa

e eu parti para cima

com os dedos

com a deusa

com denço

até com dentes

dentro de mim

animais escondidos

pais não ensinaram

foi assim

André Tecedeiro

Nasceu em Santarém em 1979 e viveu em Portalegre até 1997. Vive e trabalha em Lisboa. Estudou Escultura e Pintura (licenciatura) na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Artes Visuais-Intermédia (mestrado) na Universidade de Évora e Psicologia na Universidade de Lisboa, com especialização em Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações. Enquanto artista plástico realizou mais de cinco dezenas de exposições e foi nomeado para os prémios *Fuso* (2015); *Cena d'Arte* (2004); *Celipa-Vieira da Silva* (2003); *Fidelidade Jovens Pintores* (2002). Os seus poemas foram publicados nos livros *Rebento-Ladrão* (Tea for One, 2014), *Deitar a Trazer* (Douda Correria, 2016), *O Número de Strahler* (Do Lado Esquerdo, 2018) e *A Arte da Fuga* (Do Lado Esquerdo, 2019), em revistas literárias como *Flanzine*, *A4*, *Nervo*, *Tlön*, *Theodora*, *Tutano*, *Modo de Usar* e nas antologias *Mixtape II* (Do Lado Esquerdo, 2018) e *Casa* (Do Lado Esquerdo, 2016). A sua poesia foi tema de uma sessão do *Clube dos Poetas Vivos* (Teatro Nacional D. Maria II, 2019), de uma leitura encenada do ciclo *Da Voz Humana* (Livraria Ferin, Lisboa, 2019) e de diversos programas de rádio e podcasts. Teve o raro privilégio de escolher o seu próprio nome, que usa legalmente desde 2017.

*

Decidem-nos menino ou menina
por muito pouco:
uma fresta, uma bolota.

*

A meio da vida despi
três camadas de roupa.
Foi como se fosse
novamente
primavera.

*

Quando me despi em pele de homem,
comprei um creme hidratante
com uma embalagem menos curva
e cheiro mais mar, mais madeira, mais ação.

E olhando para o rótulo da coisa,
(porque nesta coisa de se ser homem ou mulher, o rótulo é o mais importante),
Descobri que o ingrediente principal do creme para pele de homem era
água.
No creme para pele de mulher, o ingrediente principal também era água.
E a seguir vinha a glicerina.
Como no creme para pele
de homem.

✱

Deslizo o dedo pela cicatriz
para a ouvir
lentamente.

É na cicatriz que a pele é mais sábia.

Índice

Literatura LGBT eslovena	3
Nina Dragičević	8
Aljaž Koprivnikar	16
Brane Mozetič	23
Milan Šelj	30
Nataša Velikonja	36
Uma (muito) breve introdução ao movimento e à literatura LGBT portuguesa	42
Tiago Lila	47
Ricardo Marques	52
Rita Natálio	56
André Tecedeiro	60

Encontro de Poesia LGBT Eslovena e Portuguesa

Lisboa 10 de Dezembro de 2020

Tradução e revisão dos poemas:

Mateja Rozman em colaboração com Américo Meira

Revisão dos poemas:

Ricardo Marques

Tradução e revisão de introduções

e notas bibliográficas:

Aljaž Koprivnikar e Américo Meira

Autores:

Nina Dragičević, Aljaž Koprivnikar, Tiago Lila,
Ricardo Marques, Brane Mozetič, Rita Natálio,
Milan Šelj, André Tecedeiro, Nataša Velikonja

Organização:

Škuc e Brane Mozetič (coordenador)

Co-organização:

Aljaž Koprivnikar e Mateja Rozman

Apoio financeiro:

Agência Pública do Livro da República da Eslovénia

Co-organização e apoio:

Centro de Língua Eslovena como Segunda Língua
e Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da
Universidade de Liubliana e Leitorado de Língua
e Cultura Eslovenas da Faculdade de Letras da
Unversidade de Lisboa

Impressão: Mišmaš, 100 exemplares

CIP - Kataložni zapis o publikaciji

Narodna in univerzitetna knjižnica, Ljubljana

821.134.3-194"19"

821.134.3.09-1"19"

ENCONTRO de poesia LGBT eslovena e portuguesa
/ Nina Dragičević ... [et al.] ; [tradução dos poemas
Mateja Rozman em colaboração com Américo Meira;
tradução de introduções e notas bibliográficas Aljaž
Koprivnikar e Américo Meira]. - Ljubljana : Škuc, 2020

ISBN 978-961-6983-51-8

COBISS.SI-ID 49078787

